

REPRESENTAÇÕES DE PESSOAS TRANS NA NOVELA A FORÇA DO QUERER

REPRESENTATIONS OF TRANS PEOPLE IN THE NOVEL A FORÇA DO QUERER

Luércia Borges Barbosa 1

Resumo: o presente artigo nasce no intuito de problematizar a representação de transexuais na telenovela A Força do Querer, exibida pela Rede Globo em 2017. Ao longo do percurso histórico da TV brasileira, representações possivelmente estereotipadas sobre as minorias sexuais, resultam em discriminação, invisibilidade e desigualdade, embora essa realidade tenha mudado com o passar do tempo, a partir da apresentação de personagens complexos e humanizados. A visibilidade a um grupo marginalizado e excluído dos espaços de representatividade na ficção televisiva é o que justifica o trabalho. Como instrumento analítico adotamos o circuito da cultura, discutindo temas caros às minorias, tais como representação e identidade, que criam e articulam sentidos e significados na sociedade. Observou-se que a telenovela em questão promoveu um discurso a serviço da diversidade, possibilitando a desmitificação de visões construídas de forma essencialista e caminhando para novas possibilidades de identidades de forma genérica, a partir da experiência transexual.

Palavras-chave: Transexualidade. Representação. Telenovela. Media. Stereotype.

Abstract: This article aims to problematize the representation of transsexuals in the soap opera, A Força do Querer, aired by Rede Globo in 2017. Throughout the historical journey of Brazilian Television, possibly stereotypical representations of sexual minorities result in discrimination, invisibility, and inequality. However, this reality has changed from presenting complex and humanized characters. The visibility of a marginalized group excluded from the spaces of representation in television fiction justifies this work. As an analytical instrument, we adopted the culture circuit, discussing the mention and identity, which create and articulate senses and meanings in society. It was observed that the soap opera promoted a discourse at the service of diversity, enabling the demystification of views constructed in an essentialist way and moving towards new possibilities of identities generically from the transsexual experience.

Keywords: Transexuality. Representation. Telenovela. Media. Stereotype.

1 Licenciada em Geografia (pela UFT) Campus de Araguaína-TO. Pós-Graduada em Psicopedagogia Educacional (pela FAIARA) Araguatins-TO. Pós-Graduada em Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável (pelo IFTO) Campus de Araguaína-TO, Mestra em Estudos de Cultura e Território (pela UFT) Campus de Araguaína-TO. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4187159618738563>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7508-9711>. E-mail: slucreciaborges@gmail.com

Introdução

A incursão deste artigo se pauta em tensionar as representações de pessoas transgêneros¹ fomentada em *A Força do Querer*, exibida pela Rede Globo, em 2017, que tornou pública uma construção sobre transexualidade, através da protagonização feita por meio da/do personagem Ivana/Ivan. O/A personagem representou o público transgênero durante a telenovela², exibida às 21 horas, horário nobre.

Com o intuito de discutir como se deu o processo de inserção de personagens transgêneros na novela brasileira, o artigo pretende também elucidar de que forma ela pode ajudar na (des) construção de sentidos carregados de estereótipos sobre essa minoria.

O psicanalista/psiquiatra Robert Stoller lançou em 1982 um livro intitulado “A experiência transexual”, onde descreve a transexualidade como uma relação absoluta do indivíduo com o campo feminino ou masculino, ou seja, que uma mulher transexual não deveria apresentar elementos masculinos e vice-versa. Essa era a experiência transexual.

Segundo Favero e Souza (2019), a patologização das identidades trans e travestis trata de um processo histórico, sobre como o gênero passou a ser uma categoria diagnóstica, enquadrando pessoas transexuais e travestis como doentes. A experiência transexual foi classificada como uma patologia.

As autoras lembram ainda que tanto a Classificação Internacional de Doenças (CID-10), quanto o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV³), documentos relacionados à saúde, dispõem as identidades trans e travestis como perturbações psíquicas. Nesse manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais a (as identidades trans e travestis) são descritas como transtorno da identidade sexual.

O trabalho foi desenvolvido através do instrumento analítico do circuito da cultura, como aporte teórico-metodológico que abarca cinco processos diferenciados: representação, identidade, produção, consumo e regulação. Responsáveis pelas produções de significados construídos na sociedade, os processos distintos se unem em algum momento e articulam-se na construção dos sentidos de mundos construídos na sociedade. Adotamos uma metodologia de abordagem qualitativa. Os dados obtidos advêm da revisão bibliográfica sobre o tema, a partir de estudos já realizados sobre a representação de pessoas trans na TV. Nosso artigo se fundamenta em discussões sobre a transexualidade na mídia ao longo do tempo, em especial com exibição da novela *A Força do Querer* de 2017.

No tecido social serão constituídas diversas formas de expressão da cultura e, dentro delas, variados modos de vida, formando as chamadas múltiplas identidades, que devem ser respeitadas nas suas especificidades e particularidades. As identidades trans estão posicionadas nas múltiplas identidades.

A identidade/população transexual, elucidada Campello (2017), conta com características muito particulares em relação à construção e sua história no âmbito social. Em linhas gerais, como explica Peres e Toledo (2011), transexuais são sujeitos que sentem de maneira irreversível a vontade de pertencer ao sexo apostado ao do seu nascimento, ou seja, não existe o desejo de pertencer ao sexo que foi geneticamente e morfologicamente estabelecido.

Embora seja corporal, é também incorporal, é o que ressalta Lionço (2009). Segundo o autor, o ser transexual é aquele (a) indivíduo (a) que não une o sexo biológico ao gênero construído psicologicamente. Há um desconforto com seu próprio corpo, que gera a busca por tratamento hormonal e cirúrgico para que se realize a tão almejada adequação.

Vale salientar, nesse contexto, que a intervenção cirúrgica não necessariamente será fundamental ou primordial para dizer sobre a transexualidade de um indivíduo, já que nem todas as pessoas autodeclaradas transexuais almejam submeter-se à cirurgia de redesignação sexual.

A cultura identitária transexual, a identidade trans, traz em seu bojo o debate do gênero

1 No Brasil, a expressão transgênero é pouco utilizada, por tratar-se de um termo norte-americano.

2 Para as finalidades desse artigo, utilizaremos apenas a denominação “novela”, comumente utilizado pelo público.

3 Estamos nos referindo ao Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais na sua 4ª edição (1994) e ao CID-10 da Organização Mundial da Saúde. Classificação de transtornos mentais e de comportamento (1993).

dentro da diversidade sexual, a ser compreendido como uma construção também cultural, ligada à história pessoal. Não é pré-discursivo e ensaia interpretação ampla e não estática (Campello, 2017).

A vivência do gênero, deste modo, não está limitada ao sexo de registro, aos aparelhos reprodutores ou a uma única forma de vida. O conceito é novo, porém demonstra coerência em seu discurso, em especial quando vai de encontro à forte influência heteronormativa na sociedade.

O sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall (2016) insere a identidade naquilo que denomina de circuito da cultura, do qual fazem parte também a representação, a produção, a regulação e, por fim, o consumo. Ponderando a linguagem como um sistema representacional através do qual os significados são produzidos e compartilhados, o teórico sinaliza que a cultura está relacionada à criação e à interação de sentidos entre membros de um determinado grupo na sociedade.

Pensando nisso, Souza (2012) pondera que os significados culturais exercem um papel de regulação das práticas de desenvolvimento na sociedade, ou seja, regulam as práticas sociais, podendo influenciar comportamentos e dando sentido aos indivíduos, assim, limitando identidades e demarcando diferenças.

Hall (2016) acredita que a diferença, portanto, opera na produção de significados e de identidades, permitindo o estabelecimento do indivíduo e sua concernente classificação dentro de uma cultura. Do ponto de vista antropológico, o indivíduo ou elemento que não se encaixam abertamente em uma categoria ou, ainda, que aparecem em categorias impróprias perturbam a ordem cultural, ou seja, alteram a ordem cultural.

É o caso das pessoas trans. A identidade delas marcada pela diferença perturba o circuito da cultura, quando resistem ao gênero de nascimento e constroem suas próprias identidades. Essa comunidade ao longo dos anos vem tentando legitimar suas identidades dentro de uma cultura que não vê tais pessoas como normais.

A cultura cisheteronormativa intenta excluir todas as formas de existência quando se trata de pessoas transexuais. Dito de outro modo, a cultura cis-hetero só considera mulher a partir do sexo biológico, o que deslegitima mulheres transexuais e as travestis. Essas identidades não apenas perturbam, como também desobedecem ao circuito da cultura, a ordem cultural, como aponta Hall (2016).

Ao longo dos anos a cultura foi mostrando e construindo uma figura eminentemente negativa do que é ser transexual e o ser travesti. A mídia, especialmente a televisiva, demonstra ter um papel importante na inclusão de pessoas trans. Com recorte na novela, como são representadas as pessoas trans em uma novela específica da grade na emissora global. O trabalho justifica-se por tratar de um grupo marginalizado e excluído dos espaços de representatividade nas mídias tradicionais e utiliza-se do termo transgênero⁴ para tratar dos personagens representados na novela *A Força do Querer*.

Jaqueline Gomes de Jesus (2012) salienta que o costume da sociedade brasileira, no que diz respeito às travestis e mulheres transexuais, está intrinsecamente ligada com o fascínio e ao mesmo tempo uma abjeção contra esse público. Ao passo que esse público é estilizado, estereotipado e marginalizado socialmente, o fascínio evidencia certa abjeção (baixeza, torpeza) a sujeitos trans.

A marginalização, reservada a esse público, pode ser explicada pela reivindicação em pertencer ao gênero apostado ao do seu nascimento. Em caráter punitivo, a televisão exibia negativamente e de maneira reiterada pessoas trans, como sinônimas à desobediência aos padrões sociais de gênero.

Quase sempre, o público LGBT⁵ e principalmente pessoas transexuais e travestis⁶ são representadas de forma estereotipada nas novelas, construindo e reproduzindo rótulos sobre essa população e criando comportamentos que generalizam (todo gay é afeminado, toda lésbica é masculina, a travesti faz programa).

No cinquentenário da televisão brasileira, havia um discurso incipiente sobre sexo, gênero e sexualidade na maioria das novelas exibidas. Foi o que observaram Vitor e Moreira (2020). As

4 Terminologia utilizada para descrever pessoas que transitam entre os gêneros. Trata-se de pessoas cuja identidade de gênero transcende as definições convencionais de sexualidade (Reis, 2018).

5 Movimento composto por Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais designado pela sigla LGBT (Simões, 2009).

6 Uma construção de gênero feminino, que se opõe ao sexo biológico (Reis, 2018).

peças transexuais⁷ dificilmente se viam representadas nas narrativas, já que as produções eram estereotipadas e sem contextualização. Mais do que entreter e informar telespectadores, a televisão produz valores e saberes; regula condutas e modos de ser; fabrica identidades e representações; constitui certas relações de poder (Ramos, 2008).

Os programas televisivos estabelecem condutas e comportamentos considerados normais, não observando a diferença entre sexo e gênero, assim para a televisão os comportamentos dos personagens definem sua orientação sexual. (Ramos, 2008).

Pessoas trans na TV brasileira

Ao longo dos tempos, afirma Oliveira e Oliveira (2019), as novelas brasileiras tornaram-se importantes espaços de debate de temas sociais, por vezes polêmicas. Na direção de uma revisão de literatura, este artigo discute como a emissora Rede Globo inseriu a temática da transexualidade na novela *A força do Querer* em horário nobre.

Fato é que imagens distorcidas quanto ao público minoritário nas telas da TV potencializam ausência do direito à cidadania e as empurram para o que Judith Butler (2008) denominou de abjeção, que se traduz em vidas que não são consideradas vidas e que lhes é reservada até a morte. A hegemonia da heterossexualidade pressupõe, portanto, a manutenção de uma destinada homogeneidade de corpos, identidades e desejos, como se houvesse um efeito coerente entre eles (Butler, 2006).

O grande problema desses sistemas normativos é que todos os indivíduos que não se encaixam sofrem, em algum nível, em relação a patologização (ato de patologizar, transformar em doença ou anomalia) de suas subjetividades e identidades, em constantes violências simbólicas e físicas, e com práticas coercitivas de “correção”. Assim, o indivíduo abjeto está mergulhado em um tipo de diferenciação que o confina, ou seja, está imerso em uma diferenciação posta que limita o indivíduo (Butler, 2006).

Apesar disso, lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais merecem ser reconhecidos (as) enquanto cidadãos, a partir de melhores condições existenciais desses indivíduos (Almeida; Silva, 2020). Essa nova realidade demanda do Estado igual distribuição de renda, serviços eficientes e políticas públicas efetivas a todos que deles necessitem.

Para os autores, afirmar que todos têm oportunidade é invisibilizar as demais necessidades que atravessam a sociedade e as dificuldades que cada indivíduo possui para existir dignamente nela (Almeida; Silva, 2020). Assim, sujeitos trans, aleijados de seus direitos, são excluídos e marginalizados apenas por lutarem para existir, que se traduz em ser quem são e querem ser na sociedade.

Almeida e Silva (2020) apontam que o conceito de cidadania no Brasil é construído para as necessidades e possibilidades de usufruto da masculinidade, da branquitude e do capital. Isso reflete na afirmativa dos autores de que a população LGBT não fez parte do escopo de cidadania, o que nos leva a acreditar que os pontos de partida não são os mesmos. A cidadania negou e nega a existência dessa minoria populacional.

Os autores Vitor e Moreira (2020) reforçam que a programação da televisão brasileira incutiu conteúdos com teor negativo se tratando de minorias sexuais⁸. Nos últimos anos essa tendência apontou para novas formas de representar tais minorias, com personagens mais complexos e narrando histórias mais humanizadas.

Esses autores ainda ressaltam que, graças aos discursos emancipatórios e a formulação de teorias referentes aos estudos que dão conta do sexo, gênero e sexualidade com características não inatas e como não necessariamente relacionado em si, o movimento LGBTQIA+, teve com o tempo,

7 A transexualidade é uma questão de identidade, não uma doença mental. Não é perversão sexual, nem uma doença debilitante ou contagiosa. Não tem nada a ver com orientação sexual, como geralmente se pensa. Não é uma escolha, muito menos um capricho (Jesus, 2012).

8 Compreendemos o termo minorias sexuais no sentido sociológico das relações de poder. Traduzem o termo, por exemplo, a população de pretos, mulheres e especificamente pessoas LGBTQIA+, que são reprimidas na sociedade. Como parte dela, a mídia retratou tais minorias de forma negativizada/estereotipada. As relações de poder, nesse sentido, oprimem essas minorias sexuais socialmente.

suas demandas reivindicadas além das ruas, como na academia, âmbito jurídico e na grande mídia.

Quando se pensa da representação de pessoas transgênero, nota-se o estabelecimento de fórmulas prontas na exibição desses corpos ao longo no percurso histórico da TV. As reportagens especiais se limitam à superficialidade e apresentam esses corpos como prostitutas e pertencentes ao crime, geralmente os fixando nas ruas e portas de delegacias. Quando há aparição de pessoas transgênero em programas de auditório são retratados de maneira sensualizada e com rótulos eróticos e satírico. Embora a visibilidade trans tenha ganhado o mundo a fora, o modelo televisivo brasileiro ainda está pautado em perspectivas desumanizadoras (Vergueiro, 2015).

As novelas, a partir de seus personagens, ajudam, sob a ótica de uma nova produção discursiva mais humanizadora, revelar um potencial que minimize o quadro paradoxal da violência contra pessoas trans e travestis, evidenciar corpos excluídos socialmente, ainda que sejam ao mesmo tempo tão desejados (Mom-Brasil, 2017).

No Brasil, segundo Jesus (2018), não existe um consenso no uso dos termos para designar quem não se identifica como cisgênero, aquelas pessoas que aceitam o gênero de nascimento. No entanto, fica evidente, que o termo transgênero pode ser utilizado para remeter-se às pessoas que não se identificam com gênero que lhes foi atribuído ao nascer; tornou-se um termo “guarda-chuva” que abarca sujeitos transexuais e travestis. Assim, transgênero, transexual e travestis são usados para se referir a pessoas não-cisgêneras e são sinônimos no contexto Brasil.

Benevides e Nogueira (2019) explicam que mulheres transexuais nasceram com gênero masculino, todavia se sentem pertencentes ao feminino. Ao contrário foram os homens trans: nascem com gênero feminino e se identificam com o masculino. Cada grupo (homem ou mulher trans) reivindicam a identidade que se identificam. As travestis nasceram no masculino, porém se identificam e se expressam como sendo do gênero feminino. A diferença é que elas não reivindicam a identidade feminina como foi construída pela sociedade.

A partir desses conceitos, infere-se que os transexuais, as travestis e os transgêneros são corpos marginalizados pela sociedade através dos discursos dominantes. Esses corpos lutam por ter suas identidades reconhecidas socialmente.

Representação trans na teledramaturgia

A novela, como produto cultural brasileiro, ultrapassa o mero objetivo de entreter e tem a capacidade de revelar inúmeros aspectos ligados à cultura da sociedade e relacionados à identidade de um país continental como é o caso do Brasil. A realidade brasileira é exposta no ecrã, a partir da utilização dos repertórios nacionais, consoante a época de sua produção e exibição, sendo considerada, inclusive, como um dos espaços mais significativos sobre as problematizações referentes ao Brasil (Lopes, 2003).

Deste modo:

Através dessa propriedade, em incorporar elementos da realidade sociocultural do país, a telenovela viabiliza um significativo debate sobre o cotidiano brasileiro. Ao estar presente há mais de 60 anos no país, funciona como mediador cultural e aponta para questões presentes no cotidiano dos brasileiros, inserindo temáticas muitas vezes ainda pouco abordadas pela sociedade, como as relativas às questões LGBT, especialmente à transexualidade (Santos; Mattos, 2020, p. 215).

A novela atua como mediadora cultural na inserção de temáticas pouco debatidas no seio da sociedade, possibilitando a construção de sentidos sobre essas temáticas para o público que assiste. É isso que acontece quanto ao movimento trans. A novela gera certa identificação com os personagens LGBT, ao mesmo tempo que ressignificam o olhar consumidor sobre o público trans.

Nossa justificação da escolha de *A Força do Querer* é que ela foi a primeira novela brasileira a exibir um/uma personagem transexual como o segundo personagem mais importante da narrativa apresentada. A autora Glória Perez preocupou-se em abordar a transexualidade enquanto um dos

temas centrais (Santos; Mattos, 2020).

Em horário nobre, a novela estreou em abril de 2017 e ficou no ar por quase sete meses. Durante sua exibição, alcançou altos índices de audiência, chegando ao seu ápice no 172, o último capítulo da novela. Exibido em 20 de outubro daquele ano o Ibope registrou audiência de 49 pontos em SP e 50 no RJ. O título se volta para os quereres da vida e desejos de seus personagens, em relação ao amor, dinheiro, ao sucesso, à identidade, ao poder e/ou à realização profissional, assim como os limites éticos e morais pelos quais atravessam a sociedade brasileira. Conforme informações de Santos e Mattos (2020).

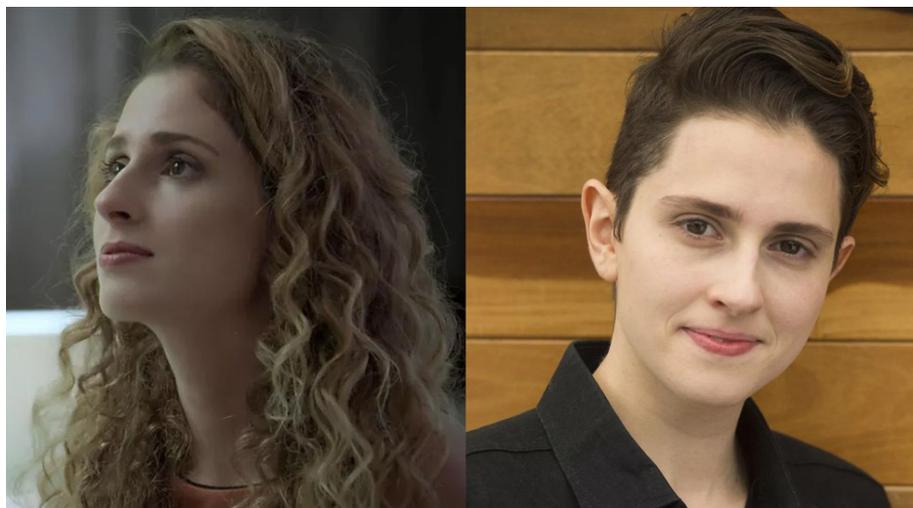
Aparado no instrumento analítico do circuito da cultura, desenvolvido por Paul du Gay *et al.* (1997), este artigo faz uma análise das representações de pessoas trans observando, na perspectiva dos Estudos Culturais, cinco interligações distintas: representação, identidade, produção, consumo e regulação.

Em Hall (1997), representações são os significados atribuídos a um determinado artefato ou mesmo a produtos culturais, que se associam às identidades. A produção refere-se às maneiras pelas quais o artefato é elaborado. A regulação versa sobre o poder que é exercido pelo artefato e o consumo é o momento quem as pessoas fazem uso dele (Hall,1997).

Esses processos que compõem o circuito da cultura se interligam e produzem significados e sentidos no âmbito social, possibilitando o estudo e a compreensão da comunicação enquanto motor, que também é cultural e que contribui para estabelecer as práticas sociais.

Quanto à novela em questão, o personagem trans (homem trans) Ivana/ Ivan foi vivido pela atriz Carol Duarte, que passou no enredo pelas fases de inadequação ligadas ao gênero feminino. O personagem descobriu-se homem trans e realizou a transição de gênero, do feminino para o masculino. A figura 1 abaixo retrata o antes e o depois da transição da identidade de gênero, no caso para o gênero masculino.

Figura 1. Antes e depois Ivana/Ivan



Fonte: Gshow (2017)

O corte dos longos cabelos e a utilização de vestimentas masculinas marcam a personagem, demonstrando na Imagem 2 estar mais feliz após assumir sua nova identidade transexual na narrativa. A trama explorou cenas de autodescoberta, conflitos internos, alegria, tristeza e transfobia. Numa delas, Ivana/Ivan sofre agressão física por ser homem trans.

Borrando as fronteiras da ficção e da realidade, a novela retratou as múltiplas facetas da transexualidade e as nuances de quem não se sente pertencente ao gênero e ao sexo de nascimento. Ivana/Ivan representou principalmente a identidade masculina, inserindo homens trans⁹ na mídia televisiva em horário nobre. A novela mostrou que a transexualidade refere-se a

9 Homens trans/transexuais são indivíduos/sujeitos que não se identificam com o gênero feminino e com o sexo feminino e, portanto, almejam serem reconhecidos como homens.

aqueles (as) sujeitos (as) que não se sentem confortáveis dentro do gênero e do sexo estabelecido socialmente no seu nascimento.

Embora o sorriso esteja estampado no rosto de Ivana/Ivan, quem assistiu a novela pôde acompanhar todo o seu sofrimento, principalmente a não-aceitação familiar de sua condição transexual. Antes, a própria Ivana/Ivan não se compreendia e sua vida social foi ficando cada vez mais difícil. Não aceitar as roupas do gênero de nascimento, rejeição aos seios e sua autodeclaração como homem trans marcam o personagem na trama. Vale destacar que ela teve cautela quando tentou explicar à família e amigos que não se sentia uma mulher.

Figura 2. Ivan (Carol Duarte) em *A Força do Querer*



Fonte: Gshow (2017)

É inegável que os significados e sentidos em relação à transexualidade foram construídos pela novela. Concordamos com Santos e Mattos (2020) quando afirmam que a novela é um produto cultural capaz do entretenimento, informação, organizar as práticas sociais e produzir significados e sistemas simbólicos, nos quais são reproduzidas as representações, que recaem sobre as identidades.

Segundo Hall (1997), a representação classifica o mundo e as relações sociais no interior da sociedade, constituindo-se como uma parte eficaz do processo pelo qual são produzidos e trocados os sentidos e significados entre os membros de uma mesma cultura. Ele enumera dois sistemas de representação: o conjunto de conceitos que elaboramos para correlacionar as coisas, objetos, eventos e ideias abstratas na nossa mente; e a linguagem utilizada para expressar esses conceitos. Imagética, sonora, escrita ou oral, a linguagem versa em signos organizados em várias relações. Hall salienta que para interpretar os sentidos dados nos mais diferentes modos representacionais, é possível ter acesso a esses dois sistemas. A relação entre coisas, conceitos e signos baseia-se na produção do sentido na linguagem (Hall, 1997).

Em relação ao conceito de transexualidade, ou do que é ser uma pessoa transexual, na linguagem audiovisual (Santos; Mattos, 2020, p. 2016-2017) afirmam que:

O conceito de transexualidade, ou do que é ser transexual e a linguagem audiovisual, constroem a pessoa/experiência transexual carregada de significados. O sentido é, assim, construído pelo sistema de representação, que não é um reflexo do social, mas uma constituição da cultura, que leva marcadores que contribuem para a manutenção da ordem social e reproduz binarismos e/ou estabelecem as normalidades e assimetrias.

O conceito é inserido pela mídia, através da linguagem audiovisual, de várias maneiras com sentidos e significados pré-estabelecidos, conforme a construção que cada um de nós tem sobre transexualidade. Ou seja, a novela exerce relações de poder, constituindo-se como um polo de representação ao evidenciar certos temas para sua trama, como é o caso da narrativa sobre transexualidade e, conseqüentemente, sobre as questões de gênero trazidas a partir da discussão sobre transexualidade (Santos; Mattos, 2020).

Hall (2014) reforça que toda identidade tem precisão daquilo que lhe falta, pois é a partir da balizagem da diferença, do que lhe falta, que a identidade é construída como tal. Desse modo, a identidade depende sim da diferença. No contexto desse estudo as identidades consideradas socialmente diferentes, são levadas em conta, em muitos momentos, como estranhas e/ou desviantes.

No pensar de Santos e Mattos (2020), as construções dadas de significados às identidades acontecem de forma discursiva servindo, portanto, para distinguir aquilo que é marcado do que não é. Exemplo: a questão relacionada à identidade de gênero, em que o/a transexual é o/a outro/a, marcado/a então pelas suas diferenças com as identidades de gênero não transexuais. SILVA (2014) explica o processo quanto aos *gays*, que a sexualidade homossexual é sexualizada em comparação à sexualidade heterossexual, então a homossexualidade como orientação sexual sexualizada é marcada. Esse efeito denota que as relações de poder estão presentes de fato nas maneiras de representar as identidades desviantes e estabelecer as marcações de sexualidades sexualizadas.

Santos e Mattos (2020) corroboram afirmando que: Essas diferenças são produzidas pelo poder que as práticas de representação exercem na sociedade. Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença.

Ou seja, as relações de poder exercem influência sobre as práticas de representação. Podemos citar a influência das relações de poder sobre a novela no sentido de estabelecer normativas, sentidos e significados construídos socialmente para sexualidade ditas desviantes e identidades trans e marcando, deste modo, as diferenças, identidades e a sexualidades dos sujeitos.

Há uma função nessa lógica. Segundo Louro (2016), os sujeitos marginalizados servem para circunscrever os contornos daqueles que são “normais” e aqueles que estão assujeitados por eles.

Quanto a estes últimos, Butler (2003) lembra que é possível explicar esses sujeitos desviantes da norma binária quando começarmos a entender que o sexo é um constructo social e questões como identidade de gênero, relação entre sexo, gênero, prática e desejo não acontecem de forma casual, mais passam pelos efeitos de práticas discursivas que regulam e normatizam as identidades inteligíveis na sociedade. Esse pensamento faz parte da teoria da performatividade, desenvolvida por ela, que observa que:

O gênero é a estilização repetida no corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. A genealogia política das ontologias do gênero, em sendo bem sucedidas, desconstruiria a aparência substantiva do gênero, desmembrando-a em seus atos constitutivos, e explicaria e localizaria esses atos no interior das estruturas compulsórias criadas pelas várias forças que policiam a aparência social do gênero (Butler, 2003, p. 59).

Compreendemos que o gênero é uma performance, logo, os sujeitos o performam. Porém existe uma estrutura social, um sistema que regula, enquadra, normativa e pune essa performatividade de gênero. Quando esses corpos performam seu gênero, são vigiados por estruturas compulsórias criadas para lhes policiarem.

A novela *A Força do Querer* e o caso da transexualidade

Como anteriormente dissemos, a atriz Carol Duarte deu vida a Ivana na novela *A Força do Querer* (2017). Ela era filha do advogado Eugênio Garcia (Dan Stulbach) e socialite Joyce (Maria Fernanda Cândido); ambos viviam entre problemas conjugais e conflitos com a filha.

Na novela, ao perceber-se como homem trans, Ivana quis resgatar sua identidade, especialmente após vários embates com sua imagem refletida no espelho. Em 17 de julho, durante uma sessão de terapia, revelou Ivana: “*Não aguento mais olhar no espelho e não reconhecer a figura que o espelho ‘tá’ mostrando. Não sou eu! Não aguento mais brigar com meu corpo o tempo todo, sentir que meu corpo ‘tá’ errado, sentir que eu ‘tô’ numa embalagem trocada*”.

A novela colocou em questão a inadequação paradoxal do gênero (feminino) com a imagem (masculina) de Ivana. A personagem resistia usar vestimentas e acessórios do universo feminino e aspectos comportamentais próprios fixados às mulheres, tais como delicadeza e passividade. Ivana posicionava-se fora do padrão de feminilidade normatizado pela sociedade e sempre sentia-se confortável nas camisas do irmão.

Sua “diferença”, lhe rendeu reiteradas discussões com sua mãe e comportamentos “inadequados” de tratamento de Ivana com o namorado Cláudio (Gabriel Stauffer). Abrir a porta do carro ou puxar a cadeira eram vistas com romantismo pelo par de Ivana, que retrucava qualquer expressão que a empurrasse para o campo feminino. Na convenção cultural, o homem é ativo, a mulher passiva.

Selecionamos alguns trechos da trama para análise. No dia 11 de abril, a personagem contava para sua prima Simone sobre o encontro com o namorado:

Ivana: Ele estava todo artificial, sabe ‘tava’ me tratando como se eu fosse uma criança, ele abriu a porta do carro, puxava a cadeira... [...] O pior, Simone, foi quando a gente chegou no restaurante. O garçom trouxe a carta de vinho, começou o telefone sem fio... Ele perguntou o que eu queria, para ele falar para o garçom, sendo que o garçom ‘tava’ aqui do meu lado, escutando tudo que eu ‘tava’ falando.

Simone: Ele ‘tava’ sendo cavalheiro, criatura! Gente, não é possível, qualquer mulher ia gostar de ser bem tratada por um homem cavalheiro.

Ivana: Simone, eu detesto esse joguinho. Parece que você, sei lá, tem que se fingir de surda, cega. [...] Parecia que a gente ‘tava’ seguindo um *script*, representando um papel.

No trecho acima fica evidente o quanto os papéis de gênero são questionados pela personagem Ivana. Ela não conseguia se encaixar nessas normas sociais estabelecidas e fixadas para o masculino e feminino e demonstra inconformidade em relação ao papel social esperado para o gênero feminino ao citar pejorativamente o termo “joguinho”.

Como alerta Butler (2003), nós representamos nossos gêneros através de um conjunto de atos repetidos, que são formados no seio de uma estrutura reguladora, que por se cristalizar no tempo, tem-se uma falsa ideia de natural. Quando Ivana transgredir a norma de gênero que condiciona a conduta esperada, traz à tona o caráter performativo do gênero. Na sociedade, assumir as performatividades do gênero é uma lei e qualquer outra forma que vá além das condutas pré-estabelecidas são vistas como transgressoras.

Condutas transgressoras estão fora das normas vigentes e, no entanto, são tidas ilegítimas, quer dizer, socialmente, só há lugar para o que é inteligível. Na novela, por exemplo, a personagem passou por terapia psicológica no intuito de corrigir seu comportamento e adaptá-la às normas estabelecidas para o gênero feminino.

A trama realça que Ivana tentou se adequar aos padrões impostos para o gênero feminino. O que a motivou fortemente nesse empreendimento foram as recomendações de sua terapeuta, para quem Ivana bloqueou o gênero feminino em si como consequência da exagerada expectativa da mãe. Ela tentou, por exemplo, utilizar paleta de sombras e roupas femininas (até um *lingerie*, na qual se sentiu estranha), como forma de fazer as pazes com o feminino e recuperar a autoestima. Tudo em vão.

Em outro momento, em 11 de maio, a novela apresentou uma sessão de terapia:

Ivana: É isso, a gente foi comprar um monte de *lingerie*.

Eva: E já usou?

Ivana: Não, não. A gente comprou hoje.

Eva: Mas já se imaginou usando?

Ivana: Ah, a Simone me fez experimentar tudo.

Eva: E como é que você se sentiu?

Ivana: Eu me sentia fantasiada, pronta para ir num bloco. Não sou eu, aquilo não tem nada a ver comigo. Não é que eu ache feio, eu acho bonito, ficou lindo na Simone, mas em mim destoa. Eu me sinto uma bruta com aquelas rendinhas todas, tipo um elefante de saíote, sabe?

Eva: Ah, Ivana, é natural esse estranhamento todo. Você 'tava' ali tentando resgatar sua feminilidade, mas diante de outra pessoa. Diante do olhar de outra pessoa, diante da expectativa de outra pessoa. E foi exatamente por isso que você sufocou a sua feminilidade, por receio de não corresponder às expectativas da sua mãe.

Ivana: Não sei, eu não me sinto encaixada em nenhuma explicação.

Eva: Sabe, descobrir a si mesmo leva tempo e você já passou tempo demais tentando destruir, tentando construir, melhor dizendo essa sua aversão ao feminino.

O diálogo conduz a um olhar da psicóloga Eva (Ester Jablonski) de que Ivana está passando por uma fase, que deve ser revertida nas terapias. O saber médico inculca que no interior de Ivana existe feminilidade, que ela precisa reconsiderar sua confusão e resgatar o padrão condicionado ao gênero feminino. Em nosso pensar, a psicóloga desconsidera a própria condição e experiência da pessoa, que constitui a essência de Ivana. Do mesmo modo, ignora a aversão de Ivana ao gênero feminino e a todo o momento a psicóloga se utiliza de um discurso, cujo ideal de normatividade foi construído socialmente aos gêneros.

Para Santos e Mattos (2020), a novela *A Força do Querer*, ao colocar em xeque a feminilidade dada como natural da mulher, poderia ter reforçado uma possível essência masculina na personagem Ivana, em se tratando de uma personagem transexual. O discurso da novela sinaliza que não nascemos prontos e ligados a nenhum universo, seja masculino ou feminino. Universos esses que são instituídos de forma binária, no qual os indivíduos são "obrigados" a se encaixar num deles.

Segundo os autores, a transexualidade refere-se à percepção que a pessoa tem de si, nas possíveis e variáveis identificações identitárias, que vão além do binarismo, desestabiliza-o (Santos; Mattos, 2020) e, complementamos, lhe causa uma fissura. A novela fez alusão aos personagens que estão do lado certo e daqueles/as que são tachados/as de ultrapassados, aqueles/as apegados/as concepções já vencidas pela experiência humana, pelas práticas que não podem ser ignoradas e negadas (Santos; Mattos, 2020).

Como produto cultural de grande relevância para a construção e desconstrução de estereótipos sobre as pessoas transexuais, o discurso da novela em questão, propõe um rompimento com esses antigos paradigmas. Ainda que mostre que muitos na sociedade pensam dessa forma, a telenovela sugere que no momento atual, esses preconceitos não cabem mais. O espaço que antes era dado somente para as identidades inteligíveis, agora, revela-se como um espaço de todos e para todos, num discurso a favor da diversidade (Santos; Mattos, 2020).

É patente o quanto a novela analisada demonstra relevância quando aborda a diversidade em seu curso, muito mais que trazer à tona a questão da transexualidade. A exibição da novela propiciou o rompimento de paradigmas e a desconstrução de preconceitos que foram socialmente construídos com relação aos gêneros na sociedade. Tais pensamentos retrógrados acabam oprimindo sujeitos transexuais, que subvertem o binarismo em sua performatividade de gênero.

Mais do que expor atitudes conservadoras, o enredo da novela retratar que não é tolerável

qualquer discurso arcaico, preconceituoso e repleto de ignorância. Ivana busca informar-se sobre a transexualidade, facilitando, deste modo, sua aceitação de si a partir de melhor compreensão sobre o complexo assunto (Santos; Mattos, 2020). Resgatemos Butler (2003), para quem o sexo é tão cultural quanto o gênero, e desse modo, o sexo não é fixo como se pensa e nem o gênero é o resultado casual do sexo de nascença.

Isso causou certo estranhamento na personagem Ivana, como notou Santos e Mattos (2020). Ao descobrir-se trans, Ivana questionou a prima sobre a possibilidade de não ser mulher, ao passo que Simone assim responde: “Prima, eu “tô” te vendo. Que isso? A gente se conhece desde criança, já te vi pelada várias vezes”. E conclui: “Você é uma mulher!”. Em outro capítulo, vemos Joyce, mãe de Ivana, afirmar que a viu nascer e reforça: “Você não sabe o que está falando. Você nunca foi um menino. Os médicos, as enfermeiras, eles me trouxeram a minha menina, a minha filha. (Santos; Mattos, 2020).

A representação aqui proposta permitiu que o/a telespectador/a refletisse e conhecesse a transexualidade a partir do drama experiencial de quem a vive e construiu um sujeito transexual conforme os documentos oficiais que dão base a programas de transgenitalização (Santos; Mattos, 2020). Os autores observaram que a novela abordou à transexualidade nos parâmetros dos saberes biomédicos:

Não é possível classificar os/as transexuais como sujeitos que apenas desejam mudar a aparência ou o sexo, pois a própria transgenitalização não se limita à sexualidade, mas atravessa relações, [e] a incoerência está em estabelecer uma verdade sobre a transexualidade, estipular um tipo de sujeito transexual universal (Santos; Mattos, 2020, p. 229).

Reconhecemos que não existe um sujeito transexual universal. Quer dizer, pessoas transexuais têm suas singularidades e não são classificáveis como objetos em discursos biomédicos que dizem respeito à transgenitalização. O debate sobre transexualidade promovido na trama colocou em circulação o quanto sujeitos transexuais são normatizadas e reguladas pela cultura, especialmente por meio de normas estabelecidas para a sexualidade e também o gênero, o chamado binarismo de gênero.

Embora a novela tenha discutido o assunto pelo viés biomédico e a partir das normas socialmente construídas, carecemos de avançar no debate e eliminar a ideia de transexualidade enquanto aberração ou anormalidade e elevá-la a sua importância de condição parte das identidades desviantes do padrão binário de gênero, borrando as fronteiras entre masculino e feminino. Parece-nos certo que as identidades são construídas socialmente no meio das representações disponíveis na cultura.

Considerações finais

No contexto brasileiro faz-se necessário e com urgência narrativas de vidas dos corpos de mulheres transexuais, homens trans, travestis e transgêneros, na busca por fugir dos estereótipos e mudar o preconceito em relação a tais populações minoritárias.

A novela *A Força do Querer* trouxe um sujeito cisgênera representando uma pessoa transgênero, a atriz Carol Duarte como Ivana, apesar de ser uma pessoa cis, trouxe para o público a protagonização de um homem transexual, o Ivan. Essa atuação na novela *A Força do Querer* exibida em horário nobre pela emissora Rede Globo amplificou a discussão no Brasil sobre representações de pessoas trans na mídia e mudança de paradigmas sociais.

A pesquisa demonstrou que a novela *A Força do Querer* teve a proposta de promover um discurso em serviço da diversidade, tendo como foco desmitificar visões construídas de forma essencialista e caminhando para novas possibilidades de identidades de forma genérica, mostradas a partir da experiência da transexualidade.

A novela levantou em questão um sujeito transexual estabelecido pelos discursos biomédicos, e nesse sentido, sua representação põe uma veracidade sobre a transexualidade, que limita a identidade de uma pessoa transexual aos exemplos ríspidos do que é ser uma pessoa

transexual, não mostrando as diversidades e as pluralidades existentes que pessoa transexual vivência de forma singular.

Referências

ALMEIDA, Adriene; SILVA, David Junior. A construção histórica da cidadania ocidental: uma abordagem de gênero. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**. v.13, n.1, p. 115-126, 2020.

American Psychiatric Association. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders**. 4.ed. Washington: APA; 1994.

BENEVIDES, Bruna; NOGUEIRA, Sayonara. **Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais no Brasil em 2018**. São Paulo: Antra; Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE), 2019.
BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Deshacer el género**. Barcelona: Paidós, 2006.

CAMPELLO, Livia. Cultura e multiculturalismo: identidade LGBT, transexuais e questões de gênero. **Revista Jurídica**, v. 1, n. 46, p. 146-163, 2017

DU GAY, Paul *et al.* **Doing Cultural Studies: the story of the sony Walkam**. Londres: Sage;1997.

FAVERO, Sofia; SOUZA, Fernanda. (Des)patologizar é (des)diagnosticar? Inquietações sobre as disputas por autonomia no campo político. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 11, p. 303–323, 2019.

GSHOW. 2017. **Carol Duarte grava momento de virada de Ivana em 'A força do Querer' e corta o cabelo em cena**. Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/a-forca-do-querer/noticia/carol-duarte-grava-momento-de-virada-de-ivana-em-a-forca-do-querer-e-corta-o-cabelo-em-cena.ghtml>. Acesso em: 10 jun. 2020.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15.ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p.103-133.

HALL, Stuart. The Work of representation. *In*: HALL, Stuart (ed.). **Representation**. Cultural representation and cultural signifying practices. London: Sage, 1997. p. 13-74.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Apicuri, 2016.

JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientações conceitos e termos**. Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.diversidadessexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2021.

LIONÇO, Tatiane. Atenção integral à saúde e diversidade sexual no Processo Transexualizador do SUS: avanços, impasses, desafios. **Revista Physis**, v. 19, n. 1, p. 43-63, 2009.

LOPES, Maria Immacolada. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Comunicação e Educação (USP)**, São Paulo, n. 26, p. 17-34, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre transexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

OLIVEIRA, Thomaz; OLIVEIRA, Igor. Telenovela e questões de gênero: primeiros passos da análise da temática na novela A dona do pedaço. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42, 2019, Belém. Anais [...]. Belém: Intercom, 2019, p. 1-11.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10**. Porto Alegre: Artes Médicas; 1993

PERES, William; TOLEDO, Livia. Dissidências Existenciais de Gênero: resistências e enfrentamentos ao biopoder. **Psicologia Política**, v. 11, n. 22, p. 261-277, 2011.

RAMOS, Irineu. **Identidade Capturada**: A parada do orgulho Gay de São Paulo de 2007 nos telejornais. 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Paulistana, São Paulo, 2008.

REIS, Toni (Org). **Manual de Comunicação LGBTI+**. Curitiba: aliança Nacional LGBTI+/GayLatino, 2018. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>. Acesso em: 15 de abr. 2021.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro; MATTOS, Georgia. As representações midiáticas da transexualidade na telenovela A Força do Querer. **Intexto**, n. 49, p. 214-232, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102.

SIMÕES, Júlio Assis. **Do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

STOLLER, Robert. **A experiência transexual**. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

VERGUEIRO, Viviane. **Despatologizar é descolonizar**. 2015. Disponível em: <https://transactivistis.org/viviane-vergueiro-despatologizar-es-descolonizar/>. Acesso em: 21 abr. 2021.

VITOR, Márcio; MOREIRA, Diego. Representação trans nas novelas da TV globo de 2015 a 2020. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 43, 2020, Caruaru. **Anais [...]**. Caruaru: Intercom, 2020, p. 1-15.

Recebido em 25 de julho de 2023.
Aceito em 15 de setembro de 2023.